

**DAVID E.  
ZIMERMAN**

**0,60**

Z71b Zimerman, David E.  
Bion: da teoria à prática — Uma leitura didática / David E. Zimerman. —  
Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

1. Psicanálise—Bion. I. Título.

CDU 159.964.2

Catálogo na publicação: Mônica Ballejo Canto — CRB 10/1023



**ARTES  
MÉDICAS**

PORTO ALEGRE  
1995

**BION**  
**DA TEORIA À PRÁTICA**

uma leitura didática

## Capítulo 14

### Verdade, Falsidade, Mentira

Freud descobriu a psicanálise a partir da “falsificação mentirosa” que as suas pacientes histéricas faziam das reprimidas verdades históricas delas, através da linguagem simbólica dos sintomas conversivo-dissociativos. Ao término de sua obra, ele reitera essa posição, afirmando que: “a relação entre analista e paciente se baseia no *amor à verdade* — isto é, no reconhecimento da realidade — e isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano” (1937, p. 282).

Da mesma forma, Meltzer afirma que “toda a psicopatologia resulta de um auto-engano” (1990, p. 91), e ele desenvolveu uma grande parte de suas posições teórico-técnicas, baseando-se neste princípio.

Bion, por sua vez, começa a se preocupar com a verdade a partir de “On Arrogance” (1958) e a partir do estudo dos vínculos K e -K da pulsão do Conhecimento, ele deu uma extraordinária importância aos problemas da verdade, falsidade, ou mentira, que ocorrem no vínculo analítico, a ponto dele afirmar que, ‘todo o paciente, e todo o analista, em maior ou menor grau, fazem uso de mentiras’.

Aliás, os aspectos acima referidos são facilmente visíveis no plano social, onde convivemos diariamente com as, assim chamadas, mentiras sociais, as dos outros e as nossas. Essas mentiras sob as mais diversas formas, como é o uso das desculpas dissimuladas, ou o da omissão de alguns detalhes comprometedores, ou então o exagero de alguns outros detalhes que visam um auto-engano engrandecedor, uma douração da pílula, e até mesmo como um recurso para provocar uma inveja nos outros; isso tudo, sem falar nas mentiras daqueles que, tendo contas a ajustar com os outros, como a Justiça por exemplo, falseiam escandalosamente a verdade e ainda aparentam estar indignados com a injustiça de que estariam sendo vítimas.

Nesse último caso, o que sobretudo chama a atenção é que o uso dessas mentiras começa sendo deliberado, amparado pela ficção legal de que aquilo que não pode ser provado deve ser aceito como verdade e, aos poucos, as mentiras vão ficando tão incorporadas no seu criador, que este passa a acreditar convictamente na sua nova versão da verdade, tal como acontece na “Síndrome de Ganser”, descrita na psiquiatria clássica.

Dessa forma, também na clínica psicanalítica, as distorções da verdade se manifestam sob formas diferentes, como as mentiras, enganos, evasões, meio-verdades, ficções, fantasias, cisões, alucinações, etc. O que importa, aqui, é estabelecer no que consiste e como se forma o auto-engano e a falsificação da verdade.

Freud assinalou que as falsificações mentirosas formavam parte da operação de repressão com as conseqüentes amnésias, encobertas e preenchidas por paramnésias e confabulações. Ele também destacou o fato ilusório de que a repetição da mentira a tornaria uma verdade.

Meltzer nos esclarece que os erros conceituais não são a mesma coisa que os erros perceptivos, os quais são produtos de identificações projetivas excessivas, como ocorre, por exemplo, nos estados de alucinação.

Também não se trata daquilo que R. Money Kyrle (1968) descreveu como “concepções errôneas” (*misconceptions*), derivadas de um encontro de uma pré-concepção com uma realização inadequada. Assim, tampouco o auto-engano é o mesmo que as distorções de percepção decorrentes de falhas na organização do pensamento, com os prejuízos nas capacidades de conceituar, raciocinar e de ajuizar. M. Kyrle foi mais longe. Seguindo as idéias de Bion acerca do conceito de Pensamento vazio, e o das distorções do vínculo do Conhecimento (-K), Kyrle esboçou uma teoria de interação entre a nossa apreciação da verdade e a vontade (ou necessidade) em distorcê-lo. Assim, este autor mostra que o seu enfoque pessoal da doença psíquica passou a ser entendido por ele como sendo o resultado das inibições sexuais (portanto, a prevalência do Id). No seu segundo estágio, a doença psíquica lhe representava ser o resultado de um conflito moral inconsciente (logo, uma forte presença de um forte e primitivo superego). Na terceira etapa, a mais recente, M. Kyrle afirma que a sua premissa fundamental é a de que todo o paciente sofre de *mal-entendidos e de concepções ilusórias inconscientes* (expressas pelo Ego). A criança está inatamente preparada para descobrir a verdade, e os impedimentos são principalmente emocionais.

Bion considerou essas falsificações auto-enganadoras como uma espécie de mitos pessoais, e estudou-as a partir do vértice de que, desde a infância, o indivíduo pode estar mais voltado para evadir e dominar as emoções difíceis, do que propriamente para enfrentá-las, e assim promover um autêntico crescimento da personalidade.

O processo que leva à formação das falsificações e mentiras está portanto intimamente ligado ao da evasão do *conhecimento* das verdades (-K), e esta função, por sua vez, também está intimamente conectada com a do *pensamento*, de tal sorte que o estudo das três é indissociável.

Dessa forma, em relação à função egóica do Pensamento, já vimos que diante de estímulos excessivos — sob a forma inicial de elementos  $\beta$  — ocorre que o ego da criança pode se comportar de duas maneiras: ou vai processar os elementos  $\beta$ , em elementos  $\alpha$ , para a indispensável função  $\alpha$ ; ou, em caso contrário, converterá os elementos  $\beta$  em evacuações tanto sob a forma de *actings* como de conversões e somatizações.

No entanto, pode ocorrer que embora a função  $\alpha$  já se tenha processada, o indivíduo se veja forçado, ao longo da vida, a “inverter” essa função. Segundo Bion, essa “inversão da função  $\alpha$ ” consiste no fato de que os elementos  $\alpha$ , (a serviço de uma função simbólica, portanto) sejam reduzidos parcial, ou totalmente, a escombros, e eles *não* voltam a ser como os elementos  $\beta$  iniciais, mas sim como ‘elementos  $\beta$  com vestígios do ego e de superego’, ou seja, com fragmentos de significados. A partir daí, se depreende, como faz Meltzer (1990, p. 120), que “o paciente não percebe os fatos e os objetos acerca dos quais deve pensar para derivar o significado; pelo contrário, ele percebe os fatos com o significado já implicitamente contido”.

É claro que o processo acima descrito se processa no plano do inconsciente e por isso, configura um processo de *falsificação* da verdade, a qual é diferente do conceito de *mentira*, porquanto nesta última predomina uma deliberação consciente, ou pré-consciente, de fazer uma distorção da verdade.

Também é necessário fazer uma diferença entre a falsidade, ou a mentira, e a *hipocrisia*. Assim, o fato de um indivíduo ter ódio à não verdade, não é o mesmo que ter amor à verdade. A hipocrisia consiste em que o indivíduo faça uma superposição entre estes dois aspectos, como se eles fossem sinônimos. Essa forma hipócrita de lidar com a verdade pode ser observada nas personalidades muito obsessivas, as quais, embora o façam de forma honesta, não toleram transgressões às verdades conhecidas, porém, a título de funcionarem como vestais da verdade, elas se opõem tenazmente ao surgimento de outras faces ocultas dessa mesma verdade, ou de outras tantas intoleráveis. Esse fato pode servir como um exemplo de como o amor e ódio à verdade podem conviver amistosamente em um mesmo indivíduo, sem levar em conta um grau mais extremo de uma coexistência sincrônica entre a verdade e a mentira, como é a regra nos perversos.

Como vemos, o interesse de Bion não está voltado para a configuração moralística tal como é habitualmente considerada no senso popular comum, nem como uma oposição entre a verdade e a mentira, mas sim em como estas últimas se relacionam e interagem entre si. Dessa forma, uma mentira pode ser considerada como sendo a expressão de uma verdade em um outro nível. Uma afirmação mentirosa pode conter muita verdade sobre a pessoa que a formulou, ou pode indicar a verdade de um determinado momento da situação psicanalítica. Além disso, a mentira pode ser uma das múltiplas faces da verdade. Aliás, em “Construções” (1938) Freud já recomendava aos psicanalistas para que eles buscassem “(...) capturar um pedaço da verdade com uma isca de falsidade”.

Por outro lado, afirma Bion, a mentira não está limitada ao campo do pensamento e ela pode adquirir uma dimensão no campo da existencialidade, de tal maneira que algum indivíduo pode, ele próprio, ser uma mentira.

Ao utilizar o modelo do mito de Édipo para a sua conceitualização de que, em análise, a verdade não se constitui simplesmente como uma oposição à mentira, mas que ela também pode se configurar como uma apatia passiva, ou um ataque ativo contra a função do conhecimento, Bion afirmava que a interação entre a verdade e a mentira na tragédia edípica deve ser entendida a partir do vértice da dimensão cognitiva (K e -K) da relação entre Édipo e Tirésias, e não o da relação entre Édipo e Laio.

Portanto, o importante é que o psicanalista reconheça os conflitos que o ego *não quer conhecer* e que, por isso, o paciente forma estruturas falsas e mentirosas, através de diferentes técnicas de evasão da verdade, desde as acintosas até as extremamente sutis, de atacar o conhecimento. Dizendo com outras palavras: o problema verdade/mentira passa a ser, para Bion, um problema entre K e -K.

Os conflitos que o ego não quer conhecer residem nos seus dramas íntimos de que ele ama a objetos proibidos e odeia os amados, tal como ocorre com os seus desejos edípicos; que ele desafia com ódio aos mandatos, expectativas e proibições, que provêm do ego ideal, ideal do ego e do superego; assim como ele inveja a quem o ajuda; odeia a dependência; e vota um ódio a todos que desiludem as suas ilusões.

Como já foi enfatizado, Bion deu uma relevância toda especial ao fato de que o elemento prioritário da psicanálise é o da busca das verdades, não a das que têm o ranço obsessivo moralístico, mas sim a de uma busca das verdades originais, que ele designa com o nome de “realidade última” representando-a com o signo da letra “O”. Torna-se, pois, fundamental que o psicanalista seja uma pessoa verdadeira, e que esse atributo possa ir se desenvolvendo gradativamente no analisando, no sentido da formação de uma “função psicanalítica da personalidade” deste último.

A propósito, é útil citar algumas considerações muito interessantes que Rezende (1993) descreve a partir da etimologia da palavra *aletheia* que, em grego, quer dizer: “verdade”. Segundo esse autor, ela se forma com os étimos *a* (sem) e *letheia* (esquecer) e, portanto, tomada ao pé da letra, *aletheia* significa ‘não esquecimento’ (creio que podemos expandir esta concepção, ao significado de “não-negação”). Prossegue Rezende afirmando que “ser verdadeiro é não esquecer as coisas que merecem ser pensadas, vivenciando-as na prática”. (p. 157). Em um outro trecho Rezende afirma que a mesma palavra *aletheia*, tem sido atualmente traduzida não mais por ‘não-esquecimento’, mas por ‘desvelamento’. “Não esquecer” diz respeito à memória, à recordação, enquanto des-velamento diz respeito ao desejo. De outros pontos de vista, a verdade também aparece como desnudamento e desmascaramento (*Ibid*, p. 174). Aliás, pode-se acrescentar que é importante a função do des-mascaramento porque costumamos crer que, de fato, *somos* aqueles

papéis mascarados (máscara, em grego, é *persona*, e daí deriva 'personalidade') que *representamos ser*.

Consoante com o esquema conceitual de Bion de sempre considerar o lado negativo dos fenômenos afetivos e cognitivos, ele dedicou um interesse especial ao estudo das falsificações da verdade, especialmente no que tange às mentiras e ao mentiroso, e esses seus estudos aparecem mais estendidos e aprofundados em seu livro "Atenção e Interpretação", de 1970. É nesse mesmo livro que ele formula a sua já clássica pergunta: "Um mentiroso pode ser psicanalisado?" (P. 107). Ele mesmo responde a essa pergunta, em um outro trecho deste livro, dizendo concordar que "as mentiras do mentiroso aparecem muitas vezes como sintoma de personalidade perturbada, (...) mas admite que não é, necessariamente, uma contraindicação para a análise" (p. 3), sendo que essa sua posição parece ser contrária à de M. Klein, de quem se teria ouvido dizer que os mentirosos seriam impossíveis de serem analisados.

Bion sustentava a sua convicção de que seja possível analisar a mentirosos, com o argumento de que tanto o paciente que mente como o paciente psicótico opõem-se aos princípios da psicanálise, porquanto ambos atacam e impedem a associação livre. A diferença consiste em que o psicótico ataca os vínculos associativos, inconscientemente, enquanto o mentiroso o faz deliberadamente. No entanto, assim como todo esquizofrênico tem alguma parte neurótica na sua personalidade que possibilita a análise, da mesma forma todo mentiroso abriga algum núcleo verdadeiro.

Bion prossegue, afirmando que deve ser possível ao psicanalista observar a um amplo aspecto de categorias de mentiras e o que elas representam... A seguir, ele formula ao leitor uma série de questões, como essas: "As afirmações do paciente são mentiras? É mentira o termo mais apropriado? Se não, qual é a formulação correta? Por que o paciente inventa, e o que ele transforma em invenção? A invenção difere do mito? Como as afirmações do paciente diferem de outras falsas afirmações?" (p. 67).

Ao longo de sua obra, Bion ensaia algumas respostas às suas perguntas. Assim, ele fez algumas considerações interessantes e instigantes, como as de que o pensamento precede ao pensador, enquanto o mentiroso precede às mentiras; a de que, em consideração a outras falsas afirmações, supõe-se usualmente que existe tanto uma idéia errônea de que a mentira é uma verdade, como a crença de que se associa uma recompensa à capacidade de enganar. Além disso, continua Bion, a mentira pode se constituir como um "conluio sadomasoquista para "envenenar" ou "ser envenenado" (p. 67).

Na verdade, Bion oscilava entre conceber a mentira como uma patologia, por um lado, e como uma forma de criatividade, por um outro. Aliás, ele conferia aos mentirosos o importante papel de uma contracultura e, mais ainda, que esses mentirosos, de todas as épocas, souberam manter uma ilusão que protegeu os contemporâneos de se confrontarem com verdades científicas ou religiosas que eles não

estavam preparados para as encarar. Por isso, dizia jocosamente Bion, a humanidade deveria reverenciar o túmulo do mentiroso desconhecido.

Em relação ao problema da verdade e mentira na prática psicanalítica, Bion fez observações muito importantes. Assim, ele parte do princípio de que todo mentiroso necessita de um público, ou de alguém que seja o receptor de suas mentiras e, portanto, elas se reproduzirão na situação analítica, único lugar onde elas podem ser entendidas, discriminadas, ou até mesmo, eficazmente analisadas. Há sérios riscos, no entanto. Um deles é que o analista, enredado em um conluio inconsciente, ou por um despreparo real, dê o aval de verdade e autenticidade ao que é mentira e falsidade. Em um pólo oposto, um outro risco é a falibilidade do analista como avaliador e julgador do que é verdade, até porque ele é ao mesmo tempo um observador e um participante ativo. Bion chega a perguntar: "Será que algum ser humano pode validar aquilo que ele pensa ser verdade? Não se pode praticar psicanálise sem se tornar consciente deste problema" (1992, p. 81).

Para sustentar essa sua tese, citando Darwin, Bion afirma que "é impossível observar e julgar o que você está observando ao mesmo tempo. Os analistas são maus julgadores do caráter alheio". (IDE, nº 18, 1989, p. 13)

Por um outro lado, "(...) apesar das aparências em contrário, o peso das experiências mostra que quando um paciente vem ver um analista, é porque o próprio paciente sente que necessita de uma injeção poderosa de verdade, mesmo que ele não goste dela" (1992, p. 242). No entanto, prossegue Bion, "(...) a procura da verdade pode ser limitada tanto pela nossa falta de inteligência ou sabedoria, como pela nossa herança emocional. O medo de conhecer a verdade pode ser tão poderoso que as doses de verdade podem ser letais" (*ibid*, p. 61). Por essa razão, ele considerava que a verdade sem amor é crueldade e o amor sem verdade não é mais do que paixão.

Um outro aspecto importante, que me parece estar implícito nas considerações de Bion, é o que faz jus a uma passagem da Bíblia a qual reza que "só a verdade vos libertará". De fato, verdade e liberdade são indissociáveis, e uma condiciona o aparecimento da outra. É necessário, no entanto, reconhecer que há uma substancial diferença entre querer conhecer a verdade e a de possuir um conhecimento. Neste último caso, ainda que este conhecimento seja verdadeiro, o paciente o utiliza para os fins de manter um controle sobre outras verdades inaceitáveis.

Creio ser desnecessário frisar que um paciente somente se tornará verdadeiro se ele encontrar esse modelo no seu analista e que, portanto, o psicanalista ser verdadeiro vai além de uma dimensão ética e se constitui como uma indispensável imposição técnica.

Portanto, no essencial, há uma perfeita sintonia entre Bion e Freud, que em "Análise Terminável e Interminável", como antes destacamos, preconizara que "a relação entre analista e paciente se funda no amor à verdade".